

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão

Núcleo Universidade Aberta do Brasil – UFSC

Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância

SANDRA MARA DE SOUZA MOREIRA FERNANDES

A EDUCAÇÃO INFANTIL: MOVIMENTOS QUE FALAM

SÃO JOSÉ

2019

SANDRA MARA DE SOUZA MOREIRA FERNANDES

A EDUCAÇÃO INFANTIL: MOVIMENTOS QUE FALAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de São José, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Lazzarotto Volcão

Tutora: Isabel Maria Barreiros Lucktenberg

SÃO JOSÉ

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fernandes, Sandra Mara de Souza Moreira

A Educação Infantil: movimentos que falam / Sandra Mara de Souza Moreira Fernandes ; orientador, Prof.ª Dr.ª Cristiane Lazzarotto Volcão, coorientador, Prof. Dr. (a) Celdon Fritzen , 2019.

39 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância , Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Concepção de infância. 3. Educação Infantil. 4. Linguagens. 5. Tecnologias Digitais. I. Lazzarotto Volcão, Prof.ª Dr.ª Cristiane . II. Fritzen , Prof. Dr. (a) Celdon . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância . IV. Título.

SANDRA MARA DE SOUZA MOREIRA FERNANDES

A EDUCAÇÃO INFANTIL: MOVIMENTOS QUE FALAM

O presente trabalho em nível de [especialização] foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Cristiane Lazzarotto Volcão Dr(a).
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Caroline Machado Dr(a).
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Ana Cláudia de Souza Dr(a).
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de [especialista] em [Especialização – Linguagem e Educação a Distância]

Celdon Assinado de forma digital por
Celdon Fritzen:55654711920
Fritzen:55654711920 Dados: 2019.09.04 15:05:23 -03'00'

Prof. Dr.(a) Celdon Fritzen
Coordenador(a) do Programa

Assinado de forma digital por Cristiane Lazzarotto
Volcao:65165454053
Dados: 2019.09.04 10:42:14 -03'00'
Versão do Adobe Acrobat Reader: 2019.012.20040

Prof. Dr.(a) Cristiane Lazzarotto Volcão
Orientador(a)

Florianópolis, 03 de Setembro de 2019.

Dedico aos meus filhos, filha, neto, mãe, tia e primas, pela contribuição em ajudar-me a conseguir realizar esta pós-graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois em muitos momentos pensei em desistir, mas a FÉ e a paixão pela Educação Infantil fizeram com que permanecesse e seguisse acreditando que o conhecimento educacional nos possibilita adquirir meios para permitir um desenvolvimento mais adequado das crianças e de nós mesmos.

Aos meus familiares e amigos, por terem me dado toda força para chegar até aqui.

Aos profissionais da Educação Infantil que estiveram nesta caminhada me orientando e possibilitando a ampliação dos vários olhares sobre a prática cotidiana.

A minha companheira de sala, Danusa Daniela de Vargas, com quem trabalhei em 2018 o Grupo IV, permitindo-me olhar e ver o quanto a Educação Infantil é cheia de movimentos significativos quando consideramos o linguajar da criança em sua espontaneidade e corporeidade.

A minha tutora Isabel Maria Barreiros Luclktenberg, que me encaminhou para a realização desta pesquisa, estando em todos os momentos necessários e tirando dúvidas, mas sem minar as minhas ideias e voos, conduzindo-me para um aprendizado ativo e prazeroso.

A minha orientadora, professora Cristiane Lazzarotto Volcão, que me mostrou outros olhares em direção ao que foi reformulado.

Aqui no nosso mundo, estamos sempre em movimento, ele nos impulsiona
a aprender, a fazer, a brincar, a amar, a rir e a chorar.
Esse movimento é a nossa vontade de viver, de descobrir o mundo,
de fazer, desfazer e refazer, é ele que nos move para frente,
também pode nos mover para trás. Ele nos empurra, nos encoraja.
Às vezes, nos faz cair, mas não tem importância, no nosso mundo podemos
fazer tudo novamente, podemos também fazer diferente porque aqui só depende de nós.
E nesse constante movimento vamos vivendo a nossa infância dentro da Educação Infantil.

Professora Danusa Daniela de Vargas
Nosso livro, nosso mundo, nossa história: a importância da leitura infantil

RESUMO

Este trabalho busca analisar relatos acerca das interações entre os sujeitos da Educação Infantil e identificar formas linguísticas utilizadas pelos adultos que promovam as expressões linguísticas, corporais e gestuais das crianças. Além disso, busca conhecer as várias formas linguísticas que as crianças de 2 a 4 anos usam para se comunicar. Partindo dos aspectos históricos da infância, Philippe Ariès descobriu na Idade Média o "sentimento de infância", o qual é priorizado na Base Nacional Comum Curricular, sendo a infância considerada a condição social da criança. Em vista disso, criou-se um currículo que integra a criança com a base estrutural do conhecimento científico. Optou-se pela metodologia exploratória e pela abordagem quantitativa e qualitativa, através da análise de questionários aplicados com as professoras de um Centro Educacional Infantil Municipal de São José/SC sobre o uso de novas tecnologias como ferramentas na comunicação entre as crianças. Verificou-se que é na Educação Infantil que se criam possibilidades para o adequado desenvolvimento infantil, quando a infância é tratada como categoria social e respeitadas todas as suas formas de comunicação, sejam as linguagens verbais ou as não verbais. Dessa forma, o corpo – considerado o maior comunicador da criança – se estabelece, interage e modifica, por meio das oportunidades oferecidas diariamente pelas professoras da Educação Infantil, que não é estagnada, como muitos acreditam, mas viva na sua plenitude.

Palavras-chave: Concepção de infância. Educação Infantil. Linguagens. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

This paper seeks to analyse reports about the interactions between the subjects of early childhood education and to identify linguistic forms used by adults that promote children's linguistic, body and gestural expressions. In addition, it seeks to learn about the various language forms that 2-4 year olds use to communicate and provide tools for developing their oral and written language dynamically. Starting from the historical aspects of childhood, Philippe Ariès discovered in the Middle Ages the "feeling of childhood", which is prioritized in the Common National Curriculum Base, with childhood being considered the social condition of the child. Integrating the child with the structural basis of scientific knowledge. We opted for the exploratory methodology and the quantitative and qualitative approach, through the analysis of questionnaires applied with the teachers of a Municipal Educational Centre of São José / SC about the use of new technologies such as tools in communication between children. It was found that it is in early childhood education that possibilities are created for the proper development of children, when childhood is treated as a social category and all forms of communication are respected, whether verbal or nonverbal languages. Thus, the body – considered the child's greatest communicator – establishes, interacts and it modifies, through the opportunities offered daily by the preschool teachers, which are not stagnant, as many believe, but live to their fullest.

Keywords: Childhood conception. Child Education. Languages. Digital Technologies

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Campos de experiências: "traços, sons, cores e formas" e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.....	18
Quadro 2 – Relação comunicação, meios de comunicação e escola.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEIs	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
USJ	Centro Universitário Municipal de São José

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA.....	14
POPULAÇÃO E AMOSTRA	14
INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
A HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA	15
EDUCAÇÃO INFANTIL	16
LINGUAGENS	19
TECNOLOGIAS DIGITAIS: O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	21
4 ANÁLISE DE DADOS.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSORAS E AUXILIAR DE SALA	37

1 INTRODUÇÃO

Em 2018, trabalhei como ACT em uma instituição de Educação Infantil em uma comunidade compreendida como favela, constituída de tráfico de drogas e de moradores de baixa renda, os quais trabalhavam, principalmente, como empregadas domésticas, trabalhadores de serviços gerais, pedreiros, entre outros. Nesse ano atendi como auxiliar de sala um Grupo G-IV de crianças de 3 a 4 anos; algumas delas entre três anos e meio a quatro anos não tinham a linguagem oral ainda adquirida. Nesse sentido, as crianças – já com quatro anos – apresentavam certa defasagem no seu comportamento e linguagem.

O Grupo G-IV com o qual trabalhei foi atípico, composto de crianças que frequentavam uma instituição filantrópica, tendo atendimento assistencial, com alimentação e alguns cuidados com profissionais sem nenhuma formação educacional, nem Magistério nem Pedagogia. Diante disso, é importante lembrar que sempre tive cuidado de compreender que nossa clientela é composta de pessoas que, muitas vezes, não têm conhecimento científico para entender a nossa profissão e nos veem como babás ou tias de seus filhos, e não como professoras.

Nesse sentido, busco atuar com as crianças acompanhando suas infâncias em casos em que, por vezes, os pais as tratam como eternos bebês ou como crianças com total autonomia, apesar de ainda serem muito novas para terem condições de fazer escolhas.

No início tive muita dificuldade em entender o que as crianças diziam ou expressavam, demonstrando até certo preconceito com a linguagem delas. Mas, com a graduação em Pedagogia e a pós-graduação em Linguagens, comecei a ter conhecimento linguístico e obter o suporte para criar hipóteses sobre as falas, os gestos e as expressões corporais das crianças, possibilitando a nossa comunicação.

O que chamou a minha atenção sobre as várias formas de linguagem trabalhando com as crianças e aprendendo naturalmente (por ser mãe) a entender seus gestos, expressões e corpos foi a necessidade de criar situações para uma comunicação espontânea e ir além da fala para compreender as crianças. Sendo assim, foi preciso adquirir certo conhecimento linguístico que me desse condições de aprimorar essa comunicação.

Para Paulo Freire (2014, p. 111, grifo nosso),

[...] o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a ESCUTAR, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.

E assim pratico todos os dias na Educação Infantil o escutar, o ver e o perceber as crianças em suas emoções ou expressões, embora tenha muitas dúvidas de como lidar em situações que dificultam a comunicação, pois as crianças falam, gritam e querem ser ouvidas e vistas.

Foi com a vivência na Educação Infantil e com a atuação como auxiliar de sala em quase todos os grupos de crianças com diferentes faixas etárias, assim como com os estudos na graduação e agora na pós-graduação e em contato com diversos profissionais da área do cuidado e da educação, que busco uma reflexão sobre a importância da linguagem verbal e não verbal das crianças de 3 a 6 anos de uma instituição de Educação Infantil e uma maneira de oferecer ferramentas para desenvolver sua linguagem oral e escrita de forma dinâmica através do uso de novas tecnologias.

A partir do exposto, levanto estas questões para a minha pesquisa: Como preservar a infância das crianças na instituição de Educação Infantil? Como as expressões corporais e gestuais das crianças de 3 a 6 anos são compreendidas pelos professores na Educação Infantil e incentivadas usando ferramentas tecnológicas?

Propõe-se nesta pesquisa a analisar a importância de se conhecerem as várias formas linguísticas que as crianças de 3 a 6 anos usam para se comunicar. Para isso, será necessário compreender como é usada a comunicação das crianças na Educação Infantil, se a partir de gestos ou fala; e analisar as várias formas de linguagem das crianças nas práticas pedagógicas.

O que procuro nesta pesquisa é saber lidar com a questão da língua natural e criar condições através do uso de tecnologias que possam favorecer o desenvolvimento de uma linguagem oral das crianças de 3 a 6 anos que frequentam a instituição em que trabalho.

Dessa forma, estabeleço como objetivo geral analisar relatos acerca das interações entre os sujeitos da Educação Infantil e identificar formas utilizadas pelos adultos que promovam as expressões linguísticas, corporais e gestuais das crianças. Para isso, busco:

- a) especificar os tipos de interações que ocorrem entre as crianças e entre adulto e crianças;
- b) discutir se há diferenças nas interações quando mediadas pela tecnologia;
- c) apontar possibilidades para o desenvolvimento linguístico das crianças no ambiente escolar;
- d) identificar as expressões corporais e gestuais das crianças de 3 a 6 anos na Educação Infantil;
- e) caracterizar o fazer pedagógico da Educação Infantil; e

f) debater acerca do uso de ferramentas tecnológicas para desenvolver a linguagem oral e escrita das crianças.

Partindo do aspecto histórico da criança, começarei o estudo apontando a descoberta da infância como categoria social por Philippe Ariès (2006), que aponta a ideia da preservação da vida, de atenção e de acolhimento nas relações afetivas, proporcionando bem-estar à criança e favorecendo o seu desenvolvimento. O autor considera que o Ser Criança tem como categoria social o seu estar no mundo, desenvolvendo e produzindo cultura e sociabilidade.

O referencial teórico será embasado em Paulo Freire (2014), Philippe Ariès (2006) e Vygotsky (1989), e também na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), que instituiu e orientou a implantação de um planejamento curricular ao longo de todas as etapas da Educação Básica. Na Educação Infantil, a Base dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), fazendo um detalhamento maior ao listar os objetivos de aprendizagem: “[...] reforçando a visão da criança como protagonista em todos os contextos de que faz parte, ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade” (BRASIL, 2017, p. 25).

2 METODOLOGIA

O presente estudo terá abordagem interpretativa, uma vez que o seu objetivo é analisar relatos acerca das interações entre os sujeitos da Educação Infantil e identificar formas utilizadas pelos adultos que promovam as expressões linguísticas, corporais e gestuais das crianças. Também utilizarei como instrumento um questionário aplicado a três professoras e uma auxiliar de sala sobre como se expressam as crianças de 3 a 6 anos de um Centro de Educação Infantil (CEI) do município de São José/SC.

POPULAÇÃO E AMOSTRA

O objeto de estudo desta pesquisa foram os sujeitos que trabalhavam em 2018 em um Centro de Educação Infantil do município de São José/SC. Como nessa instituição havia três salas com atendimentos dos Grupos III, IV, V e VI, foram aplicados questionários com todos os grupos, totalizando três professoras e uma auxiliar de sala, três do período matutino e uma do período vespertino.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a análise dos dados, foi aplicado um questionário, constituído de perguntas abertas (ver Apêndice A), com três professoras e uma auxiliar de sala.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA

Ariès (2006) via a infância como uma inexperiência, dependência e incapacidade da criança de corresponder a demandas sociais mais complexas. A criança era vista como um adulto em miniatura e, por isso, trabalhava nos mesmos lugares, usava as mesmas roupas e era tratada da mesma forma que os adultos.

Não diferenciada dos adultos, restava à criança o aprendizado das tarefas do dia a dia, com as suas famílias ou com quem morasse, iniciando suas vidas e, nesse novo ambiente, aprendendo um ofício. Dessa forma, a passagem da criança pela própria família era muito breve, sendo as comunicações sociais e as trocas afetivas realizadas fora do círculo familiar, num composto de homens, mulheres, vizinhos, amos e criados, velhos e crianças. Sendo assim,

Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (ARIÈS, 1973 apud NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p. 3-4).

Sendo assim, a vida cotidiana era igual em todas as idades, não havendo fases de desenvolvimentos (como para Piaget), tendo as crianças muito menos poder do que atualmente têm em relação aos adultos e estando mais expostas à violência destes.

Destaca-se que o sentimento de infância, a preocupação com a educação moral e pedagógica e o comportamento no meio social são ideias que apareceram já no período da modernidade, o que nos leva a crer na existência de todo um processo histórico até a sociedade vir a valorizar a infância.

Ariès (2006) aponta que nem todos vivenciavam a infância, por isso ela não era reconhecida nem praticada. Nem todas as crianças viviam a infância propriamente dita, devido às suas condições econômicas, sociais e culturais, pois os sinais de sentimento com a infância tornaram-se mais significativos a partir do fim do século XVI. Já no século XVII os costumes mudaram, modificando os modos de vestir e a preocupação com a educação e a separação das crianças de classes sociais diferentes.

Porém, a aprendizagem ainda se dava a partir da convivência da criança ou do jovem

com os adultos e, por isso, ainda não se verificava a existência de um padrão de educação infantil. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 2006, p. 14).

No período do século XVII, percebe-se o início do processo de escolarização, por meio do surgimento da escola e com ele o início do que mais adiante seria chamado de turma ou série. Mas só foi conscientizado o conceito de infância no fim do século XVII, decorrente da Igreja, da família, do processo de escolarização, das descobertas sobre as práticas de higiene e de vacinação, que aumentaram a expectativa de vida.

Foi somente a partir do século XVIII que as crianças começaram a ser reconhecidas em suas particularidades, obtendo o seu quarto, alimentando-se com uma alimentação adequada e ocupando um espaço maior no meio social, nascendo assim a concepção de infância.

EDUCAÇÃO INFANTIL

A Constituição Federal (1988) reconhece

[...] a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesse sentido, seguindo o que prevalece na Constituição, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no inciso IV de seu artigo 9º, afirma que cabe à União

[...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum. (BRASIL, 1996).

Isso quer dizer que uma base comum curricular norteará todos os segmentos educacionais do país. A relação entre o que é básico comum e o que é diverso é retomada no artigo 26 da LDB, que determina que

[...] os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996).

O texto oficial reorganiza o que os professores deverão oportunizar aos seus bebês, crianças e adolescentes, ofertando condições de estabelecer um ensino–aprendizagem dentro e fora da escola, tudo o que precisam para estar neste mundo. Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 14) firma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral:

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

Ao assegurar o desenvolvimento integral das infâncias e das juventudes, criando condições de existirem em sua total potencialidade,

A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. (BRASIL, 2017, p. 16).

Nesse sentido, a Educação Infantil, como a primeira etapa da Educação Básica, é um espaço para a garantia de cuidado e educação, constituindo-se de muitas fantasias, imaginação e brincadeiras, ao fortalecer um momento sublime que é a infância.

[...] de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar, Conhecer-se. (BRASIL, 2017, p. 25).

A criança estabelece relações com as pessoas, se sente segura e se mostra disposta a descobrir por si a capacidade em se descobrir, aprendendo, ouvindo e sendo ouvida. Sendo assim, a BNCC estabelece cinco campos de experiências nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver:

- O eu, o outro e o nós
- Corpo, gestos e movimentos
- Traços, sons, cores e formas
- Escuta, fala, pensamento e imaginação
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. (BRASIL, 2017, p. 25).

A Base também confirma uma nova divisão de atendimento, como segue no quadro abaixo.

Quadro 1 – Campos de experiências: "traços, sons, cores e formas" e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

Campos de experiências: "traços, sons, cores e formas"	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	(EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.
Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	(EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.
Crianças pequenas (quatro anos a cinco anos e 11 meses)	(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 26).	

Nesse sentido, a Base estabelece uma nova forma para o cuidado e a educação dos bebês, de crianças muito pequenas e de crianças pequenas, com objetivos curriculares definidos.

Vale salientar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Resolução CNE/CEB n. 5/2009, em seu artigo 4º, definem a criança como

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

Assim, este trabalho procura pesquisar como essa criança se comunica, se expressa com todos os envolvidos no seu desenvolvimento infantil, com a família, os professores e os amigos na instituição de Educação Infantil.

Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23),

As novas funções para a Educação Infantil devem estar associadas a padrões de qualidade. Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados às diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

A instituição de Educação Infantil deve criar condições de interagir no desenvolvimento da criança nas diversas formas de linguagens, artes e brincadeiras.

A linguagem é o eixo articulador de todo o trabalho pedagógico na Educação Infantil. Através da linguagem, a criança constrói conhecimentos, interage com os outros, conhece o mundo. Porém, cabe ressaltar que é a partir da linguagem corporal que se elaboram e se estruturam as diferentes linguagens socializadas e as várias formas de expressão. Conforme Garanhani (2001), na pequena infância, o corpo em movimento constitui a matriz básica em que se desenvolvem as significações do aprender. Segundo a autora, isto se deve ao fato de que a criança transforma em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente e seu pensamento se constrói, primeiramente, sob a forma de ação. Assim, considerar a linguagem corporal como eixo da prática pedagógica na Educação Infantil implica resgatarmos, no contexto escolar, a importância do movimento corporal como suporte para descobrir e construir conhecimentos. (SILVA,2011,p. 82-83).

E é com o corpo que esses momentos possibilitam um desenvolvimento nas suas identidades linguísticas, étnicas e culturais, promovendo experiências significativas de aprendizagem da língua, na ampliação das capacidades de comunicação e expressão gradativa da aptidão, associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

LINGUAGENS

A comunicação é uma das principais funções da língua, através dela os homens se desenvolvem, argumentam, perguntam, ensinam e instruem os outros. A língua faz parte da nossa identidade e da nossa cultura e está presente nas experiências do nosso cotidiano.

Para Oliveira e Quarezemin (2016, p. 45),

A língua é, como mostra Franchi (veja Franchi et al. 2011), ao mesmo tempo o que permite que nós organizemos o nosso pensamento e a nossa subjetividade e o que nos permite interagir com o outro. A língua é um meio de interação social e é também um sistema cognitivo extremamente complexo e sofisticado, que só os humanos têm. Elaboramos raciocínios complexos porque temos linguagem, sem ela não teríamos essa possibilidade.

Quando falamos em linguagem, levamos em consideração o significado da linguagem verbal e não verbal:

Linguagem é o sistema através do qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos convencionais. Linguística é o nome da ciência que se dedica ao estudo da linguagem.

Na linguagem do cotidiano, o homem faz uso da linguagem verbal e não verbal para se comunicar. A linguagem verbal integra a fala e a escrita (diálogo, informações no rádio, televisão ou imprensa, etc.). Todos os outros recursos de comunicação como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tom de voz, etc., fazem parte da linguagem não verbal.

A linguagem corporal é um tipo de linguagem não verbal, pois determinados movimentos corporais podem transmitir mensagens e intenções. Dentro dessa categoria existe a linguagem gestual, um sistema de gestos e movimentos cujo significado se fixa por convenção, e é usada na comunicação de pessoas com deficiências na fala e/ou audição. (SIGNIFICADOS, [s./d.]).

O bebê, quando chora ou resmunga, traz consigo a língua natural, mas ainda não tem condições de usar a fala para se expressar e não sobreviveria se não recebesse uma atenção do adulto próximo, pois seu choro ou riso faz com que o adulto logo se aproxime dando-lhe a atenção necessária ao seu cuidado.

Para Cagliari (2007, p. 42),

[...] a linguística é um estudo científico da linguagem. Está voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer fazendo o trabalho descritivo usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências e artes que usam, de algum modo, a linguagem falada ou escrita.

É fundamental conhecer as crianças e suas comunidades, sua língua natural, saber que aprendem de forma lúdica e de maneira prazerosa, sendo capazes de falar sua própria língua e a estabelecer uma comunicação humana, tornando-se um instrumento tão poderoso que no futuro poderá até resolver conflitos políticos e sociais estabelecendo um diálogo.

Segundo Vygotsky (1989),

[...] a interação social pressupõe generalização, da mesma forma que a generalização só é possível na interação social. Além disso, o significado da palavra é entendido como produto da evolução histórica da linguagem, o que não implica, no entanto, que ela seja algo já dado, acabado, imutável.

É necessário preservar e entender que a criança na fase de quatro anos se constitui de uma linguagem oral, intuitiva, natural, compatível com a sua idade. Da mesma forma que a escrita tem uma funcionalidade, a fala também tem, como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz

conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso ao saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997).

Quando falamos de linguagem, devemos lembrar que muitas das variações linguísticas são alvo de preconceito por serem relacionadas à fala de pessoas das camadas sociais menos favorecidas. A escola e o professor precisam demonstrar respeito pela liberdade de expressão dessas pessoas, de forma a combater esse preconceito.

Para Freire (2014, p. 118),

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las, e se não as escuto, não posso falar com elas, mas a elas, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-las. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é outro a merecer respeito, é isto ou aquilo, destratável ou desprezível.

É nas camadas mais pobres que o preconceito e a discriminação acontecem, em virtude de as pessoas terem um linguajar muitas vezes sem condições de entendimento e de os próprios professores não terem um embasamento teórico sobre a língua na sua complexidade.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 53), a língua deve ser também objeto de reflexão, apoiando-se em dois fatores: “[...] a capacidade humana de refletir, analisar, pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem, e a propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma, de falar sobre a própria linguagem”.

TECNOLOGIAS DIGITAIS: O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO–APRENDIZAGEM

No processo de ensino–aprendizagem deve-se fazer uso das várias tecnologias e mídias, garantindo um maior desenvolvimento das crianças nas creches e na pré-escola, com vistas a criar momentos motivacionais e de interesse.

Segundo as DCNEIs (BRASIL, 2009, p. 25),

As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir

acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital.

Em suas atividades ativas e prazerosas, as crianças e os jovens expressam-se de forma polivalente, utilizando-se da dramatização, do jogo, da paráfrase, do concreto, da imagem em movimento. A imagem mexe com o imediato, o palpável. Sendo assim, a maior parte do referencial de mundo da criança provém da televisão, que falada vida, do presente, dos problemas afetivos, estando muitas vezes a escola distante e abstrata.

No quadro abaixo Moran estabelece uma relação entre comunicação, meios de comunicação e escola, pensada nos níveis de organização, conteúdo e comunicação.

Quadro 2 – Relação comunicação, meios de comunicação e escola

Organização	Conteúdo	Comunicacional
Uma escola participativa, menos centralizadora, menos autoritária, mais adaptada a cada indivíduo. Para isso, é importante comparar o nível do discurso – do que se diz ou se escreve com a práxis – com as efetivas expressões de participação.	Uma escola que fale mais da vida, dos problemas que afligem os jovens. Tem que preparar para o futuro, estando sintonizada com o presente. É importante buscar nos meios de comunicação abordagens do cotidiano e incorporá-las criteriosamente nas aulas.	Conhecer e incorporar todas as linguagens e técnicas utilizadas pelo homem contemporâneo. Valorizar as linguagens audiovisuais, junto com as convencionais.
Fonte: Moran (s./d.).		

Nesse sentido, o autor considera tecnologias como os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que as crianças/alunos aprendam; a forma como nos organizamos em grupos, em salas, em outros espaços; o giz que escreve na lousa e uma boa organização da escrita; a forma de olhar, gesticular, falar com o outro; o livro, a revista e o jornal; e o gravador, o retroprojeto, a televisão, o vídeo, o *tablete* o celular.

Sendo assim, podemos afirmar que as técnicas usadas hoje estão ligadas à ciência, como mostram Japiassú e Marcondes (2001, p. 181):

Técnica (do lat. *technicus*, do gr. *technikós*) 1. Conjunto de regras práticas ou procedimentos adotados em um ofício de modo a se obter os resultados visados. Habilidade prática. Recursos utilizados no desempenho de uma atividade prática. Ex.: a técnica de pesca com anzol, a técnica da preparação do solo para o plantio. 2. Em um sentido derivado, sobretudo da ciência moderna, aplicação prática do conhecimento científico teórico a um campo específico da atividade humana. Ciência aplicada. Ex.: o desenvolvimento da física, sobretudo da mecânica, no período moderno, possibilita como aplicação desse conhecimento a técnica da construção da máquina a vapor e de uma série de outros mecanismos, motores etc. Na concepção clássica, na Grécia antiga, entretanto, não havia interação entre ciência e técnica. A ciência como teoria era considerada um conhecimento puro, contemplativo, da natureza do real, de sua essência, sem fins práticos. A técnica por sua vez era um conhecimento prático, aplicado, visando apenas a um objetivo específico, sem relação com a teoria.

Levando em consideração que nem todas as pessoas conhecem a técnica de uso das tecnologias, elas acabam abandonando-as por insegurança, sem buscar o conhecimento necessário para usá-las e, assim, as crianças também ficam sem conhecê-las.

Segundo Demo (2012),

Para mim, essa grande mudança que deve ocorrer dentro da escola começa com o professor. Temos que cuidar do professor, porque todas essas mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor, ele é a figura fundamental. Não há como substituir o professor. Ele é a tecnologia das tecnologias, e deve se portar como tal.

O professor, quando se depara com o conhecimento sobre todas as mudanças decorrentes no processo de ensino–aprendizagem, sente necessidade de ampliar os seus próprios conhecimentos, estabelecendo motivação para si e para as suas crianças, com vistas a garantir um desempenho na sua vida pessoal e profissional. E por isso é tão importante reconhecer o uso de tecnologias como uma forma de exercer sua cidadania.

Segundo Moita (2007 apud LUCAS, 2014),

[...] o uso na sala de aula de artefatos como games, iphones, tablets, smarphones, entre outros é importante e emergente, pois estas ferramentas são recursos que proporcionam contextos de aprendizagem que fazem parte do cotidiano dos nossos alunos, tornando o ensino lúdico e criativo.

A criança aprende brincando e, por isso, saber usar dispositivos tecnológicos vai garantir uma maior motivação, interesse e prazer nessa nova possibilidade de aprender.

4 ANÁLISE DE DADOS

Participaram desta pesquisa duas professoras e uma auxiliar de sala efetivas e uma professora ACT da rede municipal de São José/SC, as quais trabalhavam em turmas diferentes. Iniciei com o questionário dos Grupos III, IV, V, VI, por se tratar de um CEI pequeno com apenas três salas; quis saber o que cada profissional tinha a dizer sobre o que estava pesquisando.

Vou chamar as professoras de A, C e D, e a auxiliar de sala de B. A professora A é graduada em Pedagogia, com 12 anos de trabalho. Tem pós-graduação em Educação Infantil e Educação Especial, sendo a sua graduação também ligada a Educação Infantil e séries iniciais. Em 2015, fez o concurso público do município de São José/SC para professora, efetivando-se em 2019 nessa instituição. Foi auxiliar de sala desde 2004 em creches privadas.

A auxiliar de sala B é graduada em Pedagogia, com 17 anos de trabalho. Assumiu o cargo no dia 14 de fevereiro deste ano, também por concurso público do município de São José/SC realizado em 2105. Não possui experiência formativa na Educação Infantil.

A professora C é graduada em Pedagogia, que cursou no Centro Universitário Municipal de São José – USJ, com 10 anos de trabalho. Tem pós-graduação ligada a Educação Infantil. Assumiu o cargo há 1 ano nessa instituição.

A professora D é graduada em Pedagogia, com sete anos de trabalho. Tem pós-graduação em Psicopedagogia. Está na rede como auxiliar de sala desde 2012, tendo assumido como professora em 2019, também por concurso público do município de São José/SC realizado em 2015.

Foi perguntado para a professora A de que forma as crianças da sua turma se comunicam. Ela respondeu que se comunicam partindo de gestos e fala. Demonstrou que na Educação Infantil as crianças usam determinadas linguagens de forma espontânea numa comunicação e expressão do que lhes interessam.

E por isso, na Educação Infantil, considerada a primeira etapa da Educação Básica, deve-se garantir um espaço de cuidado e educação, constituindo-se de muitas fantasia, imaginação, interação, brincadeira, movimento e expressão corporal, com vistas a fortalecer um momento sublime que é a infância.

Devem-se, ainda, serem assegurados os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolverem, quais sejam: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (BRASIL, 2017).

Como vimos, a criança estabelece relações com as pessoas, se sente segura e se mostra

disposta a descobrir por si a capacidade em se descobrir, aprendendo, ouvindo e sendo ouvida. Sendo assim, a BNCC estabelece cinco campos de experiências nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver, que são a) o eu, o outro e o nós; b) corpo, gestos e movimentos; c) traços, sons, cores e formas; d) escuta, fala, pensamento e imaginação; e e) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017, p. 25).

Sobre o campo de experiência “corpo, gestos e movimentos”, que é o tema desta pesquisa, a BNCC estabelece:

Corpo, gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.). (BRASIL, 2017, p. 41).

O CEI como um espaço e tempo diferenciado da escola cria movimentos que são estabelecidos pelas crianças, conhecendo e modificando os objetos, os elementos da natureza, a si e a nós mesmos.

Enquanto a escola se coloca como o espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem, sobretudo, com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno, e como o objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas, através da aula, a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento em que entra na escola). A partir desta consideração, conseguimos estabelecer um marco diferenciador destas instituições educativas: escola, creche e pré-escola, a partir da função que lhes é atribuída no contexto social. (ROCHA, 2001, p. 31).

A auxiliar de sala B concorda com a opinião da professora A, pois alguns ainda necessitam usar os gestos e as expressões corporais para se comunicar.

Para SILVA (2011, p. 80)

As particularidades próprias da infância exigem pensar um plano de trabalho que contemple as diferentes formas de expressão que a criança utiliza para a apreensão do mundo, bem como para sua inserção social; que contemple as múltiplas linguagens que a criança utiliza para exprimir suas intenções, desejos, medos, alegrias, expectativas. O que está em jogo são as “garantias do direito das crianças ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, à brincadeira, à natureza, e também ao conhecimento produzido e a produzir” (ROCHA, 1998, p. 63). Pensar numa pedagogia para a educação da infância implica considerarmos a multiplicidade da existência infantil, de suas competências e potencialidades.

A instituição de Educação Infantil deve criar condições de interagir com as crianças, facilitando o seu desenvolvimento nas diversas formas de linguagens, artes e brincadeiras. Nessa instituição as crianças participam de momentos que lhes possibilitam um desenvolvimento das suas identidades linguísticas, étnicas e culturais.

Para Rosset et al. (2018, p. 54),

O corpo que fala e se relaciona: as crianças falam com o corpo, e seus sinais precisam ser lidos e traduzidos em todos os momentos da rotina da Educação Infantil:

- quando chegam à creche e querem um chamego;
- quando entram correndo, pela manhã, sinalizando que estão energéticas, com vontade de revistar os ambientes, e quando chegam calmas, querendo um cantinho para continuar a dormir;
- quando estão com vontade de correr pelo pátio, pulando e rodopiando, e quando querem ficar desenhando na sala, debruçadas em uma folha de papel;
- quando estão na roda de histórias atentas às narrativas e quando estão ouvindo a história enquanto o corpo se deita, revira-se e gesticula;
- quando brincam de pintar com gestos amplos, passando tinta no suporte e no corpo, e quando querem dançar e se moverão som de uma música.

Para manter um trabalho de qualidade na Educação Infantil, o profissional deve ter como responsabilidade que seu objeto de atendimento são os bebês ou as crianças em desenvolvimento e suas vivências na infância, as quais são caracterizadas socialmente. Nesse sentido, temos de estruturar-nos numa constante busca de formação e reflexão sobre os nossos atos profissionais, criando situações afetivas nas relações professor–criança.

Quando foi pedido que as professoras A, C e D e a auxiliar de sala B definissem com as suas palavras o que são expressões corporais e gestuais, a professora A respondeu que expressões corporais são uma forma de expressão não verbal através do corpo. O corpo fala através de gestos e expressões do rosto, já os gestuais são uma forma de expressão por gesto de mãos ou do corpo todo. A auxiliar de sala B respondeu que a expressão corporal é o ato de expressar as emoções com o próprio corpo, externar as emoções. A professora C respondeu

que as expressões corporais são a linguagem utilizando o corpo e as expressões gestuais ocorrem através de gestos. Para a professora D, a expressão corporal, como o próprio nome já diz, é quando o indivíduo se expressa através do corpo, certa postura pode ou não revelar uma atitude. Na expressão gestual a comunicação é mais objetiva, o gesto tem um significado já identificado.

Sendo assim, devemos considerar as diferenças entre as linguagens verbal e não verbal e a importância desta última para as crianças que frequentam a Educação Infantil, ou seja, no nosso dia a dia empregamos a linguagem verbal e não verbal para nos comunicarmos. Compreendemos que na linguagem verbal encontram-se a fala e a escrita (o diálogo, as informações no rádio, a televisão ou a imprensa etc.); e na linguagem não verbal estão todos os outros recursos de comunicação, como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tom de voz.

A linguagem corporal é considerada um tipo de linguagem não verbal, pois podemos fazer determinados movimentos com o corpo com vistas a transmitir mensagens e intenções. Dentro da linguagem corporal encontramos a linguagem gestual, ou seja, um sistema de gestos e movimentos cujo significado se fixa por convenção, o qual pode ser empregado na comunicação de pessoas com deficiências na fala e/ou na audição.

Nesse sentido, as professoras nas suas práticas pedagógicas devem incentivar o uso da linguagem não verbal com o fim de estabelecer uma comunicação com as crianças, pois algumas delas ainda não têm condições de usar a fala para se expressar e não sobreviveriam se não recebessem uma atenção do adulto próximo. Com as suas expressões corporais e gestuais, conseguem chamar a atenção dos adultos e receber o cuidado de que necessitam.

Portanto, é fundamental conhecer as crianças e suas comunidades, e entender que elas aprendem de forma lúdica e são capazes de falar sua própria língua, estabelecendo uma comunicação com os adultos e entre elas. As crianças na fase de 4 anos se constituem de muitas linguagens: oral, intuitiva, natural, todas compatíveis com a sua idade.

Foi questionado às professoras que interações são realizadas na Educação Infantil. A professora A respondeu que as interações ocorrem entre professores e alunos, família e instituição, entre as crianças, com os objetos, os brinquedos e o espaço físico da instituição.

Partindo dessas relações existentes, o adulto deverá assegurar à criança as garantias que lhes são concedidas por leis, instituições e Estado, além de conhecer as várias concepções pedagógicas que ampliam o seu olhar sobre a criança e suas linguagens.

A professora C respondeu que as interações ocorrem no parque e nas atividades coletivas. A professora D disse que acontecem em rodas de conversa, música, contação de

histórias. E a auxiliar de sala B afirmou que a maioria das interações que ocorrem são sociais e emocionais.

Com essas respostas, acredita-se que devam ser criadas condições de a criança interagir com os adultos e outras crianças, nos vários ambientes que compõem a instituição de ensino, para favorecer o seu desenvolvimento nas diversas formas de linguagens, artes, movimentos e brincadeiras.

Para Rosset et al. (2018, p. 56),

A construção da consciência corporal nasce no dia a dia. Enquanto as crianças brincam e se expressam, os sentidos, os movimentos e as interações com o outro se desenvolvem. Aos poucos, com a ajuda do adulto, conquistam autonomia para deslocar-se, cuidar-se, opinar, escolher e, com ritmo próprio, apropriar-se dos espaços e dos objetos.

São nas experiências vividas que as crianças se comunicam com os espaços e com outra criança e adulto, prevalecendo os seus desejos de se comunicar e expressar.

Quando perguntado o que facilita a interação entre as crianças ou entre crianças e adultos, a professora A respondeu que a troca de experiências por meio das brincadeiras e também as conversas na roda facilitam a interação entre as crianças ou entre crianças e adultos.

De acordo com Rosset et al. (2018, p. 62),

Brincadeiras tradicionais regradas, uma cultura que trabalha corpos, expressão e interação:
Brincar de amarelinha, com seu desenho de blocos numerados de 1 a 9, tem origem francesa e pode ser jogada por crianças pequenas de diversas maneiras (inclusive inventadas por elas), com regras e desafios mais simples para os menores e mais complexos para os maiores.

As crianças vivem buscando novas criações tanto nos espaços da instituição como nos brinquedos existentes na sala, devendo o professor estar sempre a sua disposição nas brincadeiras, brincando, observando e socializando-se juntamente com a criança, interagindo e criando novos modos de brincar.

Para a auxiliar de sala B, o que facilita a interação entre as crianças ou entre crianças e adultos é o contato, o afeto, o carinho e, principalmente, o tempo de qualidade juntos.

Mostra que a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, mais, assim como o pensamento infantil, apresentam uma evolução, que caminha do sincrético para o diferencial. A emoção, segundo o educador, é a primeira expressão da afetividade. Ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. Quando alguém é assaltado e fica com medo, por exemplo, pode sair correndo mesmo sabendo que não é a melhor forma de reagir. (WALLON apud SALLA, 2011, p. 45).

Partindo do afeto, criam-se respeito e carinho com o outro, estabelecendo momentos de amizade e cuidado.

A professora C disse que a comunicação facilita muito esse processo de construção da linguagem.

A Expressão Corporal é uma conduta espontânea, é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando-o, assim, as suas outras linguagens expressivas como fala, o desenho e a escrita. (STOKOE; HARF, 1987).

Por meio da linguagem do corpo e suas várias manifestações corporais, é possível às crianças a exploração dos objetos, dos espaços e das brincadeiras nas práticas sociais, ingressando no mundo, agindo sobre ele, mobilizando as pessoas, construindo e partilhando experiências.

O movimento é, pois, necessidade das crianças no seu processo de inserção e produção cultural, o que torna fundamental a exploração de todas as possibilidades. Mas o controle desses movimentos é também necessário à construção dos sujeitos. Assim, as crianças precisam tomar consciência dos limites corporais, tanto para se proteger e garantir sua integridade física, quanto para ter cuidado com o corpo do outro. (SALLES; FARIA, 2012, p. 110-111).

E, para garantir o desenvolvimento da autonomia sobre o corpo da criança, a professora deve estar atenta a todos os seus movimentos, criando condições de ampliação, mas com muito cuidado para que não aconteçam situações de quedas e machucados na falta desse olhar.

A professora D mencionou que a comunicação verbal com os adultos é um poderoso fator do desenvolvimento através do estímulo de palavras, expressões; com isso, o vocabulário da criança se amplia.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de

apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p. 23).

As crianças, quando estão nas instituições de Educação Infantil, têm suas potencialidades físico-motoras desenvolvidas constantemente, ou seja, nos períodos em que elas permanecem nesses espaços, dentro de suas fases de desenvolvimento, criam-se mudanças significativas em suas relações sociais e emocionais.

Perguntou-se para as professoras e a auxiliar de sala se existe algum tipo de mediação tecnológica na sala de aula em que atua e se elas veem o uso de ferramentas tecnológicas como um facilitador ou um substituto para o processo de ensino–aprendizagem. A professora A disse que sim, há nas salas TV e DVD. Ela utiliza essa tecnologia como um facilitador, com planejamento e objetivos para não cair na rotina e virar um substituto ou “quebra galho”. Dessa forma, permite-se às crianças, por meio de atividades ativas e prazerosas, expressarem-se de forma polivalente, utilizando-se de dramatização, jogo, paráfrase, concreto, imagem em movimento – a imagem mexe com o imediato, o palpável.

Sendo assim, entende-se que a maior parte do referencial do mundo da criança provém da televisão, que mostra a vida, o presente, os problemas afetivos, estando a escola distante e abstrata.

A auxiliar de sala B disse que não. Ela acredita que qualquer ferramenta tecnológica deva ser utilizada como um facilitador, se bem utilizada no processo de ensino–aprendizagem. Porém, na sala de aula em que atua não tem TV ou DVD, por isso sua resposta foi negativa.

A professora C, afirmou que sim, o uso de ferramentas tecnológicas é um facilitador no processo de ensino–aprendizagem.

A professora D disse que em sua sala de aula há uma TV e um DVD antigo, os quais auxiliam em algum momento. Mesmo com uma ferramenta antiga, ela ainda consegue criar situações para facilitar o desenvolvimento tecnológico das crianças.

Para José Manuel Moran (s./d.), as

Tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que as crianças/alunos aprendam.

A forma como nos organizamos em grupos, em salas, em outros espaços, isso também é tecnologia.

O giz que escreve na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem.

A forma de olhar, de gesticular, de falar com o outro, isso também é tecnologia.

O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente.

O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo, o *tablet*, o celular também são tecnologias importantes, mas muito mal utilizadas, em geral.

Deve-se levar em consideração que nem todas as pessoas conhecem a técnica de uso de algumas tecnologias e, por insegurança, as abandonam sem buscar o conhecimento necessário para usá-las. Assim, as crianças também ficam sem conhecê-las.

Segundo Demo (2012), a principal mudança que deve ocorrer na escola deve partir do professor, por isso é muito importante que lhe seja oferecido todo o suporte necessário para que ele conheça e se aproprie da melhor maneira das ferramentas tecnológicas. Segundo o autor, as mudanças só ocorrem na escola se entrarem pelo professor, pois ele é a figura fundamental. O professor é a tecnologia das tecnologias.

O professor – quando se depara com o conhecimento sobre todas as mudanças decorrentes no processo de ensino–aprendizagem – sente necessidade de ampliar os seus conhecimentos, estabelecendo motivação para si e para as suas crianças, garantindo um desempenho na sua vida pessoal e profissional. Sendo assim, o uso de ferramentas tecnológicas poderá contribuir para uma forma de cidadania.

Moita (2007 apud LUCAS, 2014).

Fala que o uso na sala de aula de artefatos como games, iphones, tablets, smarphones, entre outros é importante e emergente, pois estas ferramentas são recursos que proporcionam contextos de aprendizagem que fazem parte do cotidiano dos nossos alunos, tornando o ensino lúdico e criativo.

A criança aprende brincando e saber usar ferramentas tecnológicas vai garantir uma maior motivação, criando interesse e prazer nessa nova possibilidade de aprender.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei a pesquisar sobre as várias formas de linguagem das crianças que frequentam a Educação Infantil, um tema tão significativo no desenvolvimento da criança, com a professora Danusa Daniela de Vargas, que com o seu movimento ativo me possibilitou movimentar-me na análise a que me propus neste trabalho.

O objetivo deste estudo foi analisar relatos acerca das interações entre os sujeitos da Educação Infantil e identificar formas utilizadas pelos adultos que promovam as expressões linguísticas, corporais e gestuais das crianças.

Verificou-se que as práticas pedagógicas acontecem de forma tranquila e harmoniosa; nesse sentido, foi perguntado às professoras que interações são realizadas na Educação Infantil. A professora A respondeu que as interações ocorrem entre professores e alunos, família e instituição, entre as crianças, com os objetos, os brinquedos e o espaço físico da instituição.

Partindo dessas relações existentes, o adulto deverá assegurar à criança o que lhe é garantido por leis, instituições, Estado, além de conhecer várias concepções pedagógicas, de modo a permitir à criança ampliar o seu olhar sobre o mundo interior e exterior. Nas instituições de Educação Infantil integram-se as funções de educar e cuidar, sem que isso privilegie de alguma maneira os profissionais e as instituições que atendem crianças de 0 a 3 anos ou de 4 a 6 anos.

A professora C disse que a maior parte das interações ocorre no parque e nas atividades coletivas. A professora D afirmou que há interações em rodas de conversa, música, contação de histórias etc. Dessa forma, entende-se que devam ser criadas condições para que as crianças possam interagir e se desenvolver nas diversas formas de linguagens, artes, movimentos e brincadeiras. A auxiliar de sala B indicou que as maiores interações são as sociais e as emocionais.

Considerando que a Educação Infantil passou por grandes transformações no seu atendimento, pois antes era vista como uma escola, com salas de aula com carteiras enfileiradas, crianças em silêncio e imóveis, num total controle corporal, quietas e sem possibilidade de movimentação e sem respeitar sua dinâmica. Esse espaço antes era uma ONG cujas professoras ou monitoras não tinham formação em Pedagogia nem Magistério. Hoje nesse espaço que pertence ao Centro de Educação Municipal de São José/SC as professoras possuem formação pedagógica e pós-graduação, e a auxiliar de sala possui pedagogia para atender as crianças, oferecendo assim um atendimento qualificado.

Como constatamos, a professora deve ser comprometida com o desenvolvimento infantil e procurar sempre a formação educacional, desenvolvendo-se como profissional e mantendo um trabalho de qualidade, incentivando as crianças a serem protagonistas da sua história e a se desenvolverem com as suas vivências constituídas socialmente.

Quando perguntado para as professoras como as crianças de sua turma se comunicavam, a maioria respondeu que se comunicam partindo de gestos e fala, mostrando que na Educação Infantil a criança usa determinadas linguagens espontâneas para se comunicar e expressar aquilo que lhe interessa. Nesse sentido, entende-se que se deve garantir na Educação Infantil um espaço de cuidado e educação, constituído de muita fantasia, imaginação, interação, brincadeira, movimento e expressão corporal, com vistas ao fortalecimento de um momento sublime que é a infância.

A criança estabelece relações com as pessoas, se sente segura e se mostra disposta a descobrir por si a capacidade em se descobrir, aprendendo, ouvindo e sendo ouvida. Sendo assim, a criança dispõe de campos de experiências nos quais pode aprender e se desenvolver, como o “corpo, gestos e movimentos”, por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos.

O Centro de Educação Infantil, como um espaço e tempo diferenciado da escola, cria movimentos que são estabelecidos pelas crianças, conhecendo e modificando os objetos, os elementos da natureza, a si e a nós mesmos. E, alinhada ao “corpo, gestos e movimentos”, esta pesquisa deu-me a satisfação de entender que na Educação Infantil as crianças usam o corpo e o seu movimento – para falar e expressar todos os seus sentimentos numa descoberta do conhecer e de interagir com o mundo, criando estratégias para o brincar. A criança auxiliada pela professora descobre momentos de puro prazer, o que possibilita movimentos necessários para o seu desenvolvimento na infância.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTV, 2006.
- BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. A concepção de infância na visão de Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **Examâpaku**, v. 1, n. 1, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 dez. 2018.
- _____. LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf. Acesso em: 25 nov. 2018.
- _____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- _____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 3 set. 2018.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- DEMO, Pedro. **O povir: os desafios da linguagem no século XXI**. Curitiba: Ibpx, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 111 p.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2001.
- LUCAS, Leandro Mário. **Tablets em sala de aula: análise das percepções dos professores de Matemática na escola pública de Taperoá-PB**. 2014. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6478/1/PDF%20-%20Leandro%20M%20a1rio%20Lucas.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. **As mídias na educação**. ECA/USP. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/midias_educ.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vento Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 4-18, jan./jun. 2008.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; QUAREZEMIN, Sandra. Aquisição da linguagem. In: _____. **Gramática na escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.p.28-36.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.Scribd,30 nov.2016.Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/135600413/Exemplos-de-Procedimentos-Methodologicos>. Acesso em:27out. 2018.

ROCHA,Eloisa Acires Candal.A pedagogia e a educação infantil.Revista brasileira de educação.2001.p.31.Disponível em:www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a03/ Acesso em:04/08/2019.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 1999.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. A pedagogia e a Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, p. 27-24, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a03>. Acesso em: 1 jul. 2019.

RODRIGUES, Cristiane Caretta; GAMA, Anailton de Souza. Práticas de linguagem na Educação Infantil. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, Bauru, v. 4, n. 1, 2014.

ROSSET, Joyce M. et at. (org). **Práticas comentadas para inspirar**: formação do professor de Educação Infantil.1.ed.São Paulo:Editora do Brasil, 2018.

SALLA, Fernanda. O conceito de afetividade de Henri Wallon. **Nova Escola**,1 out. 2011. Disponível em:novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon.Acesso em: 14 nov.2018.

SALLES, Fátima; FARIA, Vitória. **Currículo na Educação Infantil**: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

SANTANA, Ovídio Jesse de; NEVES, Maria do Bom Parto Ferreira das. As variações

lingüísticas e suas implicações na prática docente. **Millenium**, v. 48, p. 75-93, 2015.

SIGNIFICADOS. Linguagem. Disponível em: www.significados.com.br/linguagem/. Acesso em: 2 dez. 2018.

SILVA, Sandra Rosa de Lima. **Educação Infantil e linguagem**: a importância da aquisição da linguagem na pré-escola. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2013.

SILVA, William Vagner da. **O movimento corporal na Educação Infantil**: em busca da compreensão do cotidiano da sala de aula. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2011. Disponível em: www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Willian%20Vagner%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 30 jun. 2019.

STOKOE, Patrícia; HARF, Ruth. **Expressão corporal na pré-escola**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZOZO, Susi M. de F., COUTO, Yara A. (org). **A expressão corporal na Educação Infantil**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16693750-A-expressao-corporal-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

**APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSORAS
E AUXILIAR DE SALA**

NOME:

FORMAÇÃO:

TEMPO DE SERVIÇO:

1. Quando e como assumiu o cargo de professora/auxiliar de sala na instituição?

2. Possui alguma experiência formativa ligada a Educação Infantil? Qual(is)?

3. As crianças da sua turma comunicam-se de que forma?

4. Sabem utilizar a linguagem oral de forma convencional?

5. As crianças necessitam de gestos e expressões corporais para se comunicar com outras crianças e com os adultos?

6. Durante as reuniões de planejamento, a linguagem das crianças e a sua forma de interagir com outras crianças e com os adultos são tema de discussão?

7. Com as suas palavras, defina o que são expressões corporais e gestuais.

8. Que tipo de interações são realizadas na Educação Infantil?

9. Existe algum tipo de mediação tecnológica na sala de aula em que você atua? Você vê isso como um facilitador ou um substituto?

10. O que você acredita que facilita a interação entre as crianças ou entre crianças e adulto?
